

AVALIAÇÃO DA CAPACIDADE PARA FREQUÊNCIA DE UM CURSO SUPERIOR

ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA E GESTÃO
INSTITUTO POLITÉCNICO DE VIANA DO CASTELO
2006/2007



PROVA DE CONHECIMENTOS: **Língua e Cultura Portuguesa**

Duração: 1h30m + 15m tolerância

Identifique com o seu nome e número todas as folhas de resposta.

4 de Julho de 2006

Efectue uma leitura atenta do enunciado antes de responder às questões.

Na classificação da prova serão tidos em consideração os seguintes critérios:

- Compreensão do texto;
- Clareza na expressão das ideias;
- Correção, precisão e coerência linguísticas.

A prova é classificada na escala de 0 a 20 valores, estando assinalada, em cada uma das questões, a respectiva cotação.

Leia atentamente o texto abaixo transcrito:

A mão do sementeador

Subitamente, à beira de um monte, um homem de pelico ergueu a mão ao carro. Eram três ou quatro casas apinhadas num terreno. Moura parou e reconheceu o homem:

- Você outra vez? Então o que é que há de novo?
- Eu sabia que o senhor doutor ia ali à dona Alzira e pus-me aqui à espera.
- Mas então o que é que há?

O homem olhou-me para ver até que ponto eu podia participar do seu segredo.

- Se é preciso, eu saio - declarei.
- Não, acho que não - disse Moura. - O senhor doutor pode ouvir?- perguntou.
- Ele também é doutor? - adiantou o homem, raiado de esperança.

- É doutor, mas não é médico. Diga lá então.

E o homem contou uma história incrível. Moura já a conhecia, porque fez referência a uma consulta na cidade. Mas de nada lhe valeu, porque o homem queria contá-la outra vez desde o princípio. Receava decerto que lhe tivesse falhado algum pormenor e que isso lhe destruísse a esperança. Contava-a agora de novo:

- Quando foi da sementeira, o patrão Arnaldo disse-me: " Ó Bailote, tu já não tens a mesma mão para semear". Porque eu, senhor doutor, tive sempre uma mão funda, assim grande, como um cocho de cortiça. Eu metia a mão ao saco e vinha cheia de semente. Atirava-a à terra e semeava uma jeira num ar.

- Conta, bom homem, conta o teu sonho perdido. Tinhas, pois, uma boa mão de sementeador bíblico. Atiravas a semente e a vida nascia a teus pés. Eras senhor da criação e o Universo cumpria-se no teu gesto. E, enquanto o homem falava, eu olhava-lhe a face escurecida dos séculos, os olhos doridos da sua divindade morta.

Imaginava-o outrora dominando a planície com a sua mão poderosa. A terra abria-se à sua passagem como à passagem de um deus. A terra conhecia-o seu irmão como à chuva e ao sol, identificado à sua força de biliões.

– Agora o patrão diz que eu já não tenho mão.

E mostrava a sua desgraçada mão, envelhecida, carbonizada de anos e soalheira. Moura olhou-me e sorriu-me numa cumplicidade.

– Olhe. Faça ginástica aos dedos. Assim.

E exemplificava. De olhos escorçados, o homem lamentou-se:

– Tenho feito, senhor doutor; mas o patrão Arnaldo diz que eu já não tenho mão. Veja, senhor doutor, então isto não será ainda uma mão de homem?

E tentava cavá-la fundo, com os dedos gretados no ar.

– Então que quer que eu lhe faça?

– Dê-me um remédio, senhor doutor. Um remédio que me ponha a mão como a tinha. Assim grande, assim funda, assim, assim...

E moldava no ar a capacidade de uma mão de Jeová. Fios de sol escorriam de uma azinheira perto da estrada. Os campos repousavam no grande e plácido Outono. E pelo vasto céu azul, sem a mancha de uma nuvem, ecoava levemente a última memória de Verão. Moura pôs o motor a trabalhar.

– Então passe muito bem – disse ao sementeiro.

E o carro arrancou, erguendo o pó do caminho. Mas a visita à doente foi breve. Era uma casa fidalga perdida no descampado. Espectros de um ou outro homem ou mulher olhavam-me no carro parado, olhavam o silêncio em redor. Regressámos enfim pelo mesmo caminho. Quando, porém, chegámos ao monte do sementeiro, saltou-nos à frente um grupo de pessoas numa sarilhada de gritos, de imprecações, braços no ar, braços apontados para uma loja. Moura saiu do carro e o magote de gente seguiu-o. Fiquei só. Mas o médico regressava daí a pouco, pálido, transtornado.

– Que aconteceu?

Ele não respondeu logo, conduzindo o carro aos tropeções. E só quando o monte se não via já me declarou:


– O homem enforcou-se.

Vergílio Ferreira, *Aparição* (1959)

1ª Parte

Responda, com correcção e clareza, às seguintes questões:

1. Identifique no texto a personagem principal, as secundárias e as aludidas. (1.0)
2. A acção decorre numa determinada província portuguesa (2.0)
 - 2.1 Identifique-a.
 - 2.2 Refira elementos que, no texto, permitam essa localização, tais como:
 - 2.2.1 paisagem, ambiente geográfico, vegetação;
 - 2.2.2 vestuário;
 - 2.2.3 objectos de uso corrente;
 - 2.2.4 densidade populacional.

- 
3. Verifique, no texto, a oposição flagrante que existe entre o mundo dos doutores, dos patrões, da dona Alzira e o mundo dos homens do campo. (2.0)
- 3.1 Faça o levantamento de frases que documentam essa oposição, particularmente no que diz respeito a
 - 3.1.1 habitação,
 - 3.1.2 assistência médica,
 - 3.1.3 acesso à cultura,
 - 3.1.4 actividades desenvolvidas.
 - 3.2 Comente ainda as diferentes formas de tratamento entre o patrão Arnaldo e o Bailote e entre o sementeiro e o médico.
4. *E o carro arrancou, erguendo o pó do caminho.* (1.0)
- 4.1 Comente a frase transcrita enquanto reveladora dos contrastes sociais existentes entre as personagens intervenientes no texto.
5. Atente na figura do Bailote. (1.5)
- 5.1 Registe pormenores de caracterização física.
 - 5.2 Trace o seu perfil psicológico.
 - 5.3 Insira a personagem nos estratos social, económico e cultural a que pertence.
6. Bailote revela o seu drama. E esse drama é um *segredo* e um *sonho perdido*. (1.5)
- 6.1 Aluda ao drama vivido pela personagem.
 - 6.2 Justifique o segredo que o rodeava.
 - 6.3 Comente o valor da expressão *sonho perdido*, referindo esse drama.
7. No entanto, Bailote tem momentos de esperança. (2.0)
- 7.1 Refira os diferentes passos em que essa esperança se apoiou.
 - 7.2 Identifique a personagem para quem essa esperança se virava.
 - 7.3 Estabeleça as causas que levaram Bailote a enforçar-se.
 - 7.4 Mencione as consequências desse suicídio a nível dos outros trabalhadores e a nível do Dr. Moura.
8. Na perspectiva do narrador, Bailote é subjectivamente visto em pé de igualdade com elementos da Natureza. (2.0)
- 8.1 Transcreva os passos em que existe essa identificação entre o sementeiro e a Natureza.
 - 8.2 Aluda à razão desse paralelo.
 - 8.3 Identifique a estação do ano em que decorre a acção do texto e justifique a resposta.
 - 8.4 Comente a importância dessa estação do ano no paralelo homem/natureza.
9. Por outro lado, Bailote é comparado a um deus. (1.5)
- 9.1 Transcreva frases que confirmem a opinião expressa.
 - 9.2 Mencione as razões desta coexistência entre o elemento humano e o elemento divino no sementeiro.
 - 9.3 Comente a expressão *uma boa mão de sementeiro bíblico*, à luz dessa identificação entre o homem e um deus.
10. Na sua opinião, qual é a intenção do texto? (0.5)

2ª Parte

Escolha um dos seguintes temas e escreva um texto, entre 200 e 300 palavras, utilizando uma linguagem correcta, clara e precisa. (5,0)

Tema A

Na mesma obra de Vergílio Ferreira, o narrador, interrogando-se sobre a razão da sua existência e relembrando um diálogo importante que tivera com o pai, aquando da decisão do Curso que deveria seguir, afirma: *A verdade de um curso não está no que aí se aprende mas no que disso sobeja: o halo que isso transcende e onde podemos achar-nos homens.*

Você também já reflectiu sobre o seu futuro profissional. Num texto cuidado, explique as suas opções e as razões que as determinaram.

Tema B

Tendo em consideração a temática da obra *Aparição* e a sua opinião sobre o Turismo, comente o texto abaixo transcrito:

No final da obra, o narrador questiona-se sobre a possibilidade de construção da *Cidade do Homem*; de facto, a cidade que ele vê, quando dorme, pela última vez, na casa do Alto, é uma cidade na sua imaginação, votada à destruição pelo fogo, que a personagem alastra, a partir de uma *queimada*. Essa cidade, Évora, é um microespaço, símbolo do Universo, que deveria ser recriado pelo homem.

(Jacinto, Conceição e Lança, Gabriela, *Aparição* - Vergílio Ferreira, p.16)